

# As lições de Machado de Assis: literatura e ciência no *Jornal das Famílias*

*The lessons of Machado de Assis: literature  
and science in the Jornal das Famílias  
(Family Journal magazine)*

**Daniela Magalhães da Silveira\***

Recebido em 9 de junho e aprovado em 19 de julho de 2010

---

**Resumo:**

Este artigo analisa a participação de Machado de Assis no periódico *Jornal das Famílias* (1863-1878). O objetivo foi o de evidenciar o esforço do literato no sentido de escrever contos que, de algum modo, dialogassem com os outros colaboradores e com algumas expectativas criadas por intelectuais e cientistas em torno das mulheres. No período de publicação da referida revista, havia certo interesse na definição do papel que deveria ser ocupado por algumas mães responsáveis pela criação dos futuros cidadãos do Império.

---

**Palavras- chave:**

Machado de Assis; Imprensa; Leitura para Mulheres.

---

**Abstract:**

This article examines the participation of Machado de Assis in the periodical *Jornal das Famílias* (1863-1878). The aim was to highlight his literary efforts in writing stories that would somehow be in tune with other collaborators and with certain expectations created by intellectuals and scientists concerning women. At the time of the magazine's publication, there was some interest in defining the role that should be occupied by any mother responsible for raising future citizens of the Empire.

---

**Keywords:**

Machado de Assis; Press; Reading for Women.

---

\* Doutora em História pela Universidade Estadual de Campinas. Professora do Instituto de História, da Universidade Federal de Uberlândia. Contato: danielasilveira@hotmail.com

## 1 – *Machadinho e o Jornal das Famílias*

Boa parte da produção literária de Machado de Assis apareceu publicada em algum jornal ou revista fluminense. Essa afirmativa é válida não apenas com relação às crônicas, mas também quando nos referimos aos seus romances e contos. Foi no rodapé do jornal *O Globo* que os leitores e leitoras acompanharam a primeira publicação de *A mão e a luva* e também de *Helena*. Esse percurso repetiu-se com *Iaiá Garcia*, só que esse figurou no espaço de folhetim do *Cruzeiro*. *Memórias póstumas de Brás Cubas* e *Quincas Borba* tiveram versões iniciais escritas, respectivamente, para a *Revista Brasileira* e para *A Estação*. Esta última era uma revista de moda e literatura, na qual apareceram vários de seus contos, desde “O alienista” até aqueles que não ganharam o formato de livro, e talvez por isso quase não tenham sido estudados, ou mesmo lembrados, como, por exemplo, “A chave”<sup>2</sup>. O *Jornal das Famílias* foi um dos primeiros periódicos a receber a colaboração regular de Machado de Assis. Para as suas páginas, foram escritas 86 histórias, publicadas entre junho de 1864 e dezembro de 1878. A grande maioria delas não recebeu qualquer tratamento específico para que passasse a compor algum livro. A exceção ficou reservada para as que compuseram as coletâneas *Contos fluminenses* (1870) e *Histórias da meia-noite* (1873)<sup>3</sup>.

O *Jornal das Famílias* sucedeu à *Revista Popular*<sup>4</sup>. Foi publicado

- 1 *A mão e a luva* apareceu em *O Globo*, entre os dias 26 de setembro e 3 de novembro de 1874. *Helena* foi publicado no espaço de folhetim do mesmo jornal entre os dias 6 de agosto e 11 de setembro de 1876. *Iaiá Garcia* pertenceu ao *O Cruzeiro*, e foi publicado entre 1º de janeiro e 2 de março de 1878. *Memórias póstumas de Brás Cubas* foi publicado, na *Revista Brasileira*, entre os números de 15 de março e 15 de dezembro de 1880. Sobre a publicação dos romances de Machado de Assis, em periódicos, conferir SILVA, Ana Cláudia Suriani da. *Quincas Borba*: folhetim e livro. Tese – Universidade de Oxford, Oxford, 2007.
- 2 Antes de receber tratamento especial para passar a compor a terceira coletânea de contos de Machado de Assis – *Papéis avulsos* –, “O alienista” apareceu entre os números de 15 de outubro de 1881 a 15 de março de 1882, de *A Estação*. “A chave” foi o segundo conto publicado por Machado nessa mesma revista, entre os números de 1º de dezembro de 1879 a 15 de fevereiro de 1880.
- 3 Todos os contos publicados na coletânea *Contos fluminenses* tiveram uma primeira versão escrita para o *Jornal das Famílias*, com exceção de “Miss Dollar”, preparado especialmente para servir de abertura para o livro. A coletânea seguinte – *Histórias da Meia-noite* – foi toda composta por histórias escritas para o periódico em questão.
- 4 A *Revista Popular* foi publicada entre janeiro de 1859 e dezembro de 1862. Publicava seções bastante variadas e pretendia escrever “de tudo e para todos”. Muitos dentre os colaboradores dessa revista migraram para a sua sucessora, o *Jornal das Famílias*. No entanto, ambas possuíam perfis bastante distintos, de modo que a estratégia de

mensalmente, entre janeiro de 1863 e dezembro de 1878, tendo como proprietário B. L. Garnier. Contava com seções de “Romances e novelas”, “Poesias”, “Medicina popular”, “Mosaico”, “Economia doméstica”, entre outras. Ao lado de Machado de Assis – que assinou com o seu próprio nome e com vários pseudônimos – apareceram também o padre Francisco Bernardino de Souza, Augusto Emílio Zaluar, Joaquim Manuel de Macedo, e as enigmáticas Victoria Colonna e Paulina Philadelphia. Além desses nomes, o *Jornal das Famílias* ainda contou com enorme variedade de colaboradores que foram esquecidos ao longo do tempo<sup>5</sup>. Depois de publicado o primeiro conto de Machado naquelas páginas – “Frei Simão” –, sua contribuição tornou-se cada vez mais essencial para o prosseguimento e vitalidade da revista. Os temas mais recorrentes, de modo geral, diziam respeito à própria literatura e àqueles considerados de interesse das famílias, como o cuidado com a casa e a educação dos filhos. O alvo preferido era, então, as mulheres, tanto aquelas que precisavam orientar seus filhos para a vida em sociedade, quanto aquelas que estavam no mercado matrimonial. O objetivo principal reafirmado em textos editoriais e em colaborações autorais baseava-se na ideia de “recrear” e “instruir”. Para isso, no entanto, cada um daqueles autores usou de estratégias bastante específicas. Em alguns casos, essa intenção principal chegava-se quase a se perder, por causa da publicação da mesma história dividida em mais de um número e também devido à abertura oferecida para a entrada do próprio leitor, chamado a participar do desenvolvimento da trama.

A cada novo número publicado, o periódico procurava, então, marcar seu lugar naquela jovem imprensa brasileira. Acabou reconhecido por outras folhas como espaço de discussão de questões interessantes à orientação da família. Sendo assim, publicava, em suas

---

recorrer à ideia de que uma substituiria a outra deve ter sido acionada, com o objetivo apenas de manter alguns de seus assinantes.

- 5 Como vários artigos escritos para o *Jornal das Famílias* apareceram assinados por meio de pseudônimos, a identificação dos colaboradores nem sempre é de fácil execução, sendo que, em vários casos, não é nem mesmo possível saber se tais assinaturas constituíam ou não algum pseudônimo. Dois casos importantes são a Victoria Colonna e a Paulina Philadelphia. Essas assinaturas apareceram durante praticamente todo o percurso desse periódico, em seções dedicadas a oferecer instruções domésticas, de modo geral, e também em alguns textos literários. Foram bastante importantes para o desenvolvimento e consolidação do perfil da revista, por meio de textos que discutiam os mesmos temas levantados pelos contos de Machado de Assis. Sobre a participação de Machado de Assis no *Jornal das Famílias*, bem como seu relacionamento com os outros colaboradores do periódico, conferir SILVEIRA, Daniela Magalhães da. *Contos de Machado de Assis: leituras e leitores do Jornal das Famílias*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Campinas, Unicamp, 2003.

páginas, textos que pudessem ser lidos por jovens leitoras. Tais artigos deveriam servir para a divulgação de exemplos inspiradores. Do mesmo modo, estava aberto para oferecer ensinamentos que servissem de guias para as senhoras casadas, tanto quando elas precisavam de orientação na organização de suas casas, quanto para ajudá-las nos primeiros cuidados e na educação dos filhos. Quando esses princípios fossem claramente atropelados, seus colaboradores poderiam passar por alguma reprimenda interna, da parte de outros escritores e mesmo do editor, ou então ser alvo de críticas em outras publicações<sup>6</sup>. Era crescente a quantidade de periódicos dedicados ao público feminino que buscava a participação de literatos e também de médicos, dispostos a ajudar na formação das mães, bem como a não deixar que textos considerados “perigosos” pudessem cair nas mãos das jovens casadoiras. Nesse sentido, os artigos com a finalidade de orientar os pais na hora da escolha do casamento de seus filhos e filhas são indícios de como os colaboradores do *Jornal das Famílias*, entre outros objetivos, pretendiam interferir de modo incisivo logo nos primeiros passos do novo casal. Para Victoria Colonna,

Uma das condições indispensáveis no casamento é a harmonia das idades. Tão clara é essa asserção que não precisa de provas; por quanto uma moça e um velho, ou uma velha e um moço, são incompatíveis para formarem bons casamentos, visto como são duas quantidades heterogêneas que produzem – *uniões sem união*. – As vontades e os gostos, estando sempre em oposição, fazem do matrimônio uma pesada cadeia, e os filhos desse discordante consórcio são as vítimas inocentes imoladas à inqualificável ambição das famílias; porque nascidas de uma mãe, ainda não completamente formada, ou de um pai já gasto, trazem uma constituição caquética e doentia que os condena a arrastarem uma vida de incessante sofrimento; e depois, vivendo nesse lar sem amor, nem harmonia, desconhecem a doçura desse néctar chamado – *amor de família* – criam-se rixosos, egoístas,

- 6 Durante os meses de abril, maio e junho de 1865, foi publicada, nas páginas do *Jornal das Famílias*, as “Confissões de uma viúva moça”. Esse conto rendeu, nos jornais contemporâneos, interessante polêmica que contestava a publicação de narrativa com aquele teor em revista lida por moças. O debate em torno desse conto já foi colocado em dúvida, pois possivelmente deve ter sido “plantado” nos jornais, pelo próprio Machado e pelo editor do periódico, para atrair a atenção dos leitores para o *Jornal das Famílias*. De qualquer modo, é interessante observar a existência de temas e modos de tratamento de algumas questões que não deveriam fazer parte de uma revista com livre trânsito dentro das casas de família. Caso contrário, seriam alvos de censura, mesmo que essa pudesse ter efeito contrário, e conquistar ainda mais leitoras. Outros casos importantes ainda podem ser lembrados, como, por exemplo, os livros de Gustave Flaubert, *Madame Bovary*, e de Eça de Queirós, *O primo Basílio*.

intempestivamente independentes e não sentem a menor afeição nem respeito pelos autores de seus dias que lhes não souberam dar a mais proveitosa das lições – *o exemplo*<sup>7</sup>.

A ideia de formar famílias com descendentes saudáveis começava a mostrar suas primeiras formulações. No centro desse debate, estavam as mães e aquelas que se preparavam para o casamento. Alguns médicos e um número enorme de assinaturas que não traziam o distintivo de “Dr.” usaram a imprensa como meio de divulgação de suas “teses”. Não apenas em revistas científicas, mas também em folhas de moda e literatura, conforme veremos. Havia ali espaço suficiente e usado em prol da consolidação de um novo papel para as mulheres que viveram na segunda metade do século XIX. Afinal de contas, o público majoritário daquelas folhas parecia ser mesmo formado por mulheres de diferentes situações sociais. A aceitação ou repúdio daqueles conselhos poderia ser imediato. A autora do excerto acima citado e os contos de Machado de Assis, levando-se em consideração a regularidade e a recorrência com que foram publicados, deveriam corresponder, em alguma medida, às expectativas daqueles leitores. As próximas páginas possuem como foco de análise as estratégias buscadas pelo ainda jovem Machadinho, para publicar seus escritos numa revista envolvida por um discurso moralizador e, até certo ponto, justificado por premissas científicas. A produção inicial de Machado quase sempre foi analisada levando-se em consideração alguns aspectos que o vinculam ao Romantismo, de modo a desvalorizar tais textos. Este artigo propõe-se a demonstrar que boa parte de seus primeiros contos foi escrita a partir da construção de uma interação entre colunas e colaboradores do periódico para o qual foram pensados. Para isso, o literato recorreu aos temas e, algumas vezes, sofreu com as limitações do perfil da revista, que poderia solicitar de seus colaboradores artigos adaptados às novidades científicas. Machado de Assis, no entanto, acabou criando estratégias para driblar algumas exigências da revista e de seus leitores mais carrancudos, compondo contos que contradiziam várias recomendações médicas, por exemplo. Além disso, com o amadurecimento do literato, participar daquela empresa possibilitava a utilização de recursos humorísticos na confecção das personagens, bem como do suspense e do adiamento do final previamente recomendado.

---

7 *Jornal das Famílias*. Junho de 1875.

## 2 – *As lições decoradas por dona Beatriz, em “As bodas do Dr. Duarte”*

O conto “As bodas do Dr. Duarte” foi publicado em duas partes, nos meses de junho e julho de 1873, no *Jornal das Famílias*<sup>8</sup>. Apareceu na seção “Romances e novelas”, assinado por “Lara”, um dos pseudônimos utilizados por Machado de Assis<sup>9</sup>. Toda a narrativa passava-se no mesmo sábado, num certo dia 25 de abril, quando Carlota, filha do casal Lemos, casou-se com Luis Duarte. A história desenrola-se na casa da noiva, onde são mostrados desde a arrumação do ambiente da comemoração, no período da manhã, até o último brinde, levantado por um dos convidados. Aquele parece ter sido um dia bastante intenso para todos que viviam naquele lugar. Os escravos cuidavam da limpeza e arrumação geral, a mãe supervisionava tudo e ainda oferecia algumas lições à sua filha e o pai tomou conta do “arranjo da sala”, enfeitando-a com duas figuras compradas na véspera: uma representando a *Morte de Sardanapalo* e a outra a *Execução de Maria Stuart*. Dona Beatriz não descuidava da educação dos filhos menores e comportava-se de acordo com aquilo que as leitoras e os outros colaboradores do periódico deveriam esperar, levando-se em consideração todas as seções ali mesmo publicadas.

Várias passagens foram previstas pelo literato e funcionavam como forma de ligação direta entre sua narrativa e aquilo que os integrantes do *Jornal das Famílias* escreviam para as suas páginas. Às vezes, apareciam de acordo com o esperado por todos, mas, em outros momentos, pareciam duvidar ou mesmo zombar daquelas áridas leis de comportamento. Nesse sentido, “Lara” cuidou de colocar em cena nubentes em idade compatível: o rapaz contava 25 anos e a noiva tinha 20 anos. Idades próximas, que, de acordo com as instruções escritas por Victoria Colonna, conforme já vimos, poderia determinar o bom andamento do matrimônio e também a saúde dos filhos do casal. Dona Beatriz esforçava-se para cumprir seu papel de mãe amorosa, além de seguir alguns dos princípios divulgados àquela época. Poucos dias antes da realização da cerimônia, a mãe de Carlota tentou decorar um discurso que seria recitado à sua filha naquele dia festivo. A mãe afirmava:

---

8 Esse conto foi escolhido por Machado para compor sua segunda coletânea, *História da meia-noite*, publicada no ano de 1873. Nesse segundo suporte, apareceu com o título de “As bodas de Luis Duarte”.

9 Além da assinatura “Lara”, os contos de Machado de Assis, no *Jornal das Famílias*, ainda apareceram assinados por Victor de Paula, Job, Máximo, J. J., entre outros.

Minha filha, hoje termina a tua vida de solteira, e amanhã começa a tua vida de casada. Eu, que já passei pela mesma transformação, sei praticamente que o caráter de uma senhora casada traz consigo responsabilidades gravíssimas. Bom é que cada qual aprenda a sua custa; mas eu sigo nisto o exemplo da tua avó, que da véspera da minha união com teu pai, expôs em linguagem clara e simples a significação do casamento e a alta responsabilidade dessa nova posição...<sup>10</sup>

Essas lições tinham sido escritas pelo marido de Dona Beatriz, que queria livrar a mulher de erros gramaticais, num momento considerado tão solene. Alguns colaboradores e leitores do periódico deveriam concordar com a atitude daquele casal e a necessidade de ter um discurso pronto para ser falado à filha. Nesse ponto, no entanto, o narrador/narradora do conto deixou escapar que melhor seria se dona Beatriz tivesse feito como outras mães e “tirasse alguns conselhos do seu coração e da sua experiência”. Ainda por cima, a mãe parece não ter dado conta de decorar todo o texto, e acabou esquecendo-se do finalzinho da palestra. Um dos artifícios utilizados pelo jovem Machado, em suas histórias para o *Jornal das Famílias*, foi o de preparar personagens e situações que não contrariassem por completo as expectativas de quem pudesse tentar censurar escritos menos moralizadores. Por outro lado, não deixou de criar situações abertas e convidativas, no sentido de incluir a “experiência” de suas leitoras. Por essa via, apresentava suas dúvidas e receios diante de normas impostas às mulheres por profissionais que se diziam interessados nos futuros cidadãos do Império.

Na segunda metade do século XIX, em especial, tornava-se crescente o número de médicos que defendiam teses, demonstrando a importância de uma determinada instrução para as mães<sup>11</sup>. Esses profissionais interessavam-se não apenas pela saúde física feminina, como também em ensiná-las a cuidar de crianças recém-nascidas, da organização da casa, da preparação de casais para o matrimônio, entre outros itens. Conforme artigo de Sandra Koutsoukos sobre as amas-de-leite e o discurso dos doutores em medicina, cada vez mais se acirrava o controle relativo à procedência e ao comportamento

<sup>10</sup> *Jornal das Famílias*. Junho de 1873.

<sup>11</sup> Sobre a influência do discurso médico dentro da organização familiar no século XIX e, em especial, nos anos de 1920, conferir o artigo de FREIRE, Maria Martha de Luna. ‘Ser mãe é uma ciência’: mulheres, médicos e a construção da maternidade científica na década de 1920. In: *História, ciência, saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro: v. 15, Suplemento, pp. 153-171, junho de 2008.

daquelas que prestavam serviço, amamentando crianças alheias<sup>12</sup>. O intuito principal era o de fazer com que as próprias mães fossem as responsáveis pela alimentação de seus filhos. Dessa forma, boa parte das “responsabilidades gravíssimas”, conforme lembrava dona Beatriz, foi criada, tendo por base os estudos médicos. Não bastava mais a experiência de vida, nem muito menos deixar que suas filhas aprendessem sozinhas. As mães de jovens no mercado matrimonial precisariam de todo um repertório, que deveria ser passado para frente.

Na verdade, dona Beatriz parecia mesmo diante de uma enorme enrascada. Já vimos como não foi muito bem sucedida sua tentativa de decorar um discurso pronto. Por outro lado, se tivesse seguido a proposta de “Lara”, e retirado os conselhos de seu coração e da sua experiência, talvez não encontrasse palavras muito bonitas ou otimistas, para descrever a nova situação da filha. Suas dificuldades certamente não seriam de ordem gramatical, como a preocupação do senhor Lemos. Mas porque sua vida de casada não deve ter sido a mais feliz e harmoniosa. O pai de Carlota parecia ser um galanteador que não perdoava nem mesmo as mulheres casadas, convidadas para a festa de sua filha. Se o exemplo passado pelos pais aos filhos era mesmo tão importante, Carlota e Luis Duarte teriam muitos problemas em sua vida de casados.

Ainda no último parágrafo do conto, “Lara” aproveitava-se para deixar indicada mais uma das preocupações que rondavam as famílias e os conselhos médicos da época. Segundo suas palavras,

o verdadeiro brinde dessa festa memorável, foi um pecurrucho que viu a luz em janeiro do ano seguinte, o qual perpetuará a dinastia dos Lemos, se não morrer na crise da dentição<sup>13</sup>.

Ao lado das recomendações em torno da amamentação, apareciam, nos periódicos literários e científicos, indicações sobre como se portar no período no qual a criança sofria as consequências do nascimento de seus primeiros dentes. Segundo artigo publicado em *A mãe de família*,

Quando completa seis meses, surge para a criança uma crise grave: os primeiros dentes vão romper; as gengivas intumescem-se, tornam-

12 KOUTSOUKOS, S. S. M. ‘Amas mercenárias’: o discurso dos doutores em medicina e os retratos de amas – Brasil, segunda metade do século XIX. In: *História, ciência, saúde* – Manguinhos, Rio de Janeiro: v. 16, n. 2. Abril-junho de 2009. pp. 305-324.

13 *Jornal das Famílias*. Julho de 1873.

se doridas e quentes; a saliva escorre em abundância: a estomatite aflige as crianças, a diarreia inquieta as mães, e as convulsões são o terror de toda a gente<sup>14</sup>.

A criança poderia então vir a falecer tanto por causa do enfraquecimento, provocado pela diarreia, como devido às crises de convulsão. Em grande medida, esse fato ocorria devido à falta de conhecimentos da parte das amas. Muitas dentre essas mulheres acreditavam que a diarreia seria um bom sinal. Por causa da falta de cuidados especiais, a criança acabava sendo levada a ter fortes crises de convulsão. As mães também não sabiam qual a melhor hora para suspender a amamentação. De acordo com o doutor Legendre, autor do artigo citado anteriormente, as crianças precisariam ser desmamadas quando tivessem seis, doze ou dezesseis dentes. Isso porque, segundo confiava, a dentição ocorre em grupos, e as mães e amas deveriam esperar esses momentos de intervalo. Esses conselhos às mães apareciam em periódicos como *A Mãe de Família*, dedicados a oferecer certo suporte e orientação às mães inexperientes<sup>15</sup>. Nas páginas do *Jornal das Famílias* e, em especial, no conto “As bodas do Dr. Duarte”, a ideia de que o maior brinde daquela festa pudesse não sobreviver à “crise de dentição” ganhou certo tom de terror que parecia assombrar a todos. Indicava, provavelmente, necessidade de oferecer mais atenção seja da parte de mães e amas que viviam mais próximas das crianças, seja da de médicos interessados pela questão. Talvez não estivessem sendo bem aproveitados os espaços dedicados pela imprensa para a discussão daquele tema, ou houvesse uma distância grande demais entre os conselhos médicos e os hábitos criados ao longo de muitos anos pelas mães das crianças.

Mais do que um conto insosso, conforme indicam alguns críticos de Machado, com relação à sua pouco conhecida primeira fase, “As bodas do Dr. Duarte”, quando foi publicado nas páginas do *Jornal das Famílias*, possuíam destinatário e intenção bastante específica.

14 “A dentição”. In: *A Mãe de Família*, 30 de setembro de 1884. Pp. 140-141.

15 Vários periódicos direcionados às mulheres levavam, em suas diferentes seções, dicas sobre como as mães deveriam cuidar de seus filhos recém-nascidos. A revista de moda e literatura, *A Estação*, também aparecia com sua seção de “Higiene”, e série sobre “A primeira infância”. Nesta listavam-se as doenças e os respectivos cuidados que todos deveriam ter com a criança. Sobre a “crise de dentição”, afirmava que “não é uma moléstia. As mulheres atribuem à dentição a maior parte dos incômodos de seus filhos. É um erro e um perigo. Sob o pretexto de trabalho de dentição, desprezam-se muitos incômodos, que tem outras causas. Se a criança parece seriamente doente, chamai imediatamente o médico e não digais: ‘Não é nada, são os dentes!’”. *A Estação*. 31 de janeiro de 1882.

Foi escrito para ser lido por mulheres ou na mesma situação que dona Beatriz, ou prestes a se casar, como Carlota. É possível que essas leitoras especiais tenham identificado situações parecidas com aquelas ali narradas e questionado a forma como encaminhavam suas vidas. Por outro lado, aquelas mesmas linhas deveriam ser acompanhadas também pelos próprios colaboradores do periódico e alguns doutores cientistas, responsáveis pelas orientações sobre como as mães deveriam cuidar de seus filhos recém-nascidos. Talvez essa recepção tenha provocado ou alguma indignação da parte deles que não viam qualquer problema no modo como interferiam na vida familiar, ou mesmo feito com que algumas mudanças de posicionamento ou mesmo de linguagem fossem inseridas. Chegamos a poucas conclusões definitivas com relação à apropriação feita pelos leitores e leitoras daquelas linhas. No entanto, se tomarmos a regularidade da colaboração de Machado de Assis nas páginas desse periódico e a confiança do editor em sua pena, podemos concluir que esse era um escritor com livre trânsito dentro das casas de jovens casadoiras. Autor de histórias recomendadas pelas e para as famílias brasileiras que viveram a segunda metade do século XIX. Mas nem por isso Machado pode ser considerado como um colaborador simpático a tudo aquilo que se publicava ao lado de suas histórias.

### 3 – *Os sustos de dona Feliciano, de “Uma loureira”*

Um ano antes da publicação de “As bodas do Dr. Duarte”, com as lições de dona Beatriz, outra senhora também muito interessante, chamada dona Feliciano, já havia demonstrado o quanto poderia ser complicada a “missão” de ser mãe. “Uma loureira” chegou às mãos das leitoras do *Jornal das Famílias* entre maio e junho de 1872 e antecipava alguns pontos levantados pelo conto que acabamos de analisar. Mesmo porque em ambos Machado assinou usando o pseudônimo “Lara”. Como dona Beatriz, a mãe desse outro conto era uma “reconchuda senhora” e acreditava que sua filha daria continuidade à linhagem de donas de casa da qual fazia parte. Dona Feliciano também deve ter padecido bastante para fazer com que seus filhos sobrevivessem às crises de dentição e a tantos outros males que provocavam a morte de crianças recém-nascidas. Isso porque, dos seus dez filhos, apenas três escaparam. Para finalizar a listagem de coincidências entre os dois contos, falta observar que o marido de dona Feliciano foi resumido como sendo “o mais refinado hipócrita que o diabo mandou a este mundo”. O colaborador do *Jornal das Famílias* recorria a sua “Lara” para, mais de uma vez, discutir a mesma questão: observava as con-

dições de algumas uniões e a orientação que pais e mães deveriam oferecer às suas filhas. Isso chama a atenção por causa do perfil daquele periódico e de sua proposta de tentar direcionar as famílias, visando aos futuros cidadãos do país.

Em “Uma loureira”, quem se preparava para o casamento era a Luisa, personagem que contava 18 anos. A tentativa de promover o matrimônio dela fora parte de um arranjo entre sua família e a do suposto noivo. Antes da chegada do candidato, no entanto, sua mãe foi incumbida pelo pai de tentar descobrir se a menina tinha algum interesse por outro rapaz. Dona Feliciano foi pega de surpresa ao ouvir as respostas de sua filha ao questionário relacionado aos sentimentos dela. Primeiro Luisa hesitou, em seguida disparou:

— Senti uma vez palpar-me o coração, disse Luisa, ao ver um rapaz, que logo no dia seguinte me escreveu uma carta...

— E tu respondeste?

— Respondi.

— Desgraçada! Nunca se respondem a estas cartas sem ter certeza das intenções do autor delas. Teu pai... mas deixemos isto. Respondeste só uma vez?...

— Respondi vinte e cinco vezes.

— Jesus!

— Mas ele casou com outra, segundo soube depois...

— Aí está. Vê que imprudência...

— Mas nós trocamos as cartas.

— Foi só esse, não?

— Depois veio outro...

D. Feliciano pôs as mãos na cabeça.

— A esse escrevi só quinze.

— Só quinze! E veio mais outro?

— Foi o último.

— Quantas?

— Trinta e sete.

— Santo Nome de Jesus!<sup>16</sup>

Todas essas notícias surpreenderam tanto dona Feliciano que Luisa sentiu-se obrigada a interromper a enumeração de seus amores para não ver a mãe desmaiada no chão. O diálogo entre mãe e filha transcrito acima revela a preocupação de dona Feliciano com a exposição de sua filha ao corresponder-se com diferentes rapazes

16 *Jornal das Famílias*. Maio de 1872.

sem o conhecimento dela, e seu alerta para a falta de prudência que representava responder cartas de amor sem ter certeza sobre as intenções do outro. Finalmente, mostra como aquela mãe, fazia tempo, já não possuía mais qualquer controle sobre sua filha. Mesmo assim, a família de Luisa insistia na possibilidade de arranjar-lhe um noivo. Ambas as famílias cuidavam da realização de casamento que fosse satisfatório do ponto de vista financeiro, enquanto a menina ocupava-se em experimentar diferentes namorados, e, assim, escolher aquele que correspondesse melhor às suas expectativas.

Logo depois das revelações de Luisa a respeito de sua vasta correspondência amorosa, chegou do Norte o noivo escolhido pela família dela. Esse não foi bem recebido pela menina, tanto por causa da aparente falta de interesse do rapaz, quanto porque ela já possuía outro candidato. O recém-chegado Alberto começou, a partir desse momento, intensa disputa com o alferes Coutinho pela mão de Luisa. Enquanto, por um lado, cada um dos rapazes acreditava ser o preferido, por outro, Luisa aproveita para avaliar as qualidades deles e namorar os dois ao mesmo tempo. A situação narrada nesse conto não deveria ser a mais recomendada pelos colaboradores do *Jornal das Famílias*. Então, esperava-se que seu autor, no final da história, apresentasse alguma punição para a jovem namoradeira. O conto, no entanto, oferece epílogo atípico, no qual somos informados sobre a fuga de Luisa com outro rapaz que nem havia entrado na disputa pelo seu coração ou pelo seu dote. Um dos recursos acionados por Machado foi o de construir personagens e diálogos que pudessem provocar o riso. As jovens personagens femininas divertiam-se às custas de seus pretendentes tanto quanto possivelmente devem ter feito com que as leitoras rissem daquelas histórias.

Por meio de construções narrativas que abusavam da pilhéria e abriam mão de adotar o final moralizador, recomendado para a instrução de jovens leitoras, Machado de Assis colocava em suspensão as normas apresentadas, naquelas próprias páginas, e em conferências e tantos outros meios de disseminação do discurso religioso e científico para as famílias. A leitura possibilitada pelos contos de Machado servia de contraste entre as recomendações de médicos higienistas interessados na atuação das mães como instrumento para alcançar uma nova geração de filhos saudáveis e preparados para trabalhar no encaminhamento de questões políticas. Se o papel da esposa dentro de suas casas ganhava novos significados, a realização dessas tarefas, quando colocadas nas mãos das personagens femininas criadas para o *Jornal das Famílias*, estava cravejada por lições mal sucedidas e por uma série de sustos.

#### 4 – O *Jornal das Famílias* dos leitores e das leitoras

O *Jornal das Famílias* desde o seu primeiro número apresentou-se como periódico interessado na divulgação de leituras cristãs, por meio de textos que recriavam histórias bíblicas, e também na orientação da dona-de-casa econômica e cuidadosa da organização do lar e dos filhos. Para isso, as seções intituladas “Medicina popular” e “Economia doméstica” recorriam ao *Dicionário de Medicina Popular* e ao *Formulário ou guia médico*, ambos do tão famoso à época, doutor Chernoviz. Apareciam ali receitas de remédios e de cosméticos, indicações de tratamentos contra queimaduras e outros acidentes domésticos, além de conselhos sobre a utilização de alguns produtos, como o amoníaco ou o álcool, por exemplo. Esse tipo de material parece ter sido bastante comum ao longo do século XIX, e foi muito importante no auxílio da disseminação de algumas práticas médicas, em especial, naquelas regiões onde o número desses profissionais ainda era bastante restrito<sup>17</sup>. O sucesso desses manuais, levando-se em consideração a alta tiragem que receberam<sup>18</sup>, além da divulgação em outros meios impressos, como a revista em questão, pode ser considerado indício de como aquela sociedade estava aberta para o recebimento de informações que pudessem auxiliar a organização doméstica.

Literatura e ciência dividiam as mesmas páginas. Por isso, os contos de Machado de Assis, publicados no *Jornal das Famílias*, poderiam ser lidos, por seus leitores contemporâneos, como parte de uma mesma discussão. Em especial, quando tratavam da formação das famílias. Precisamos destacar, no entanto, a falta de consenso entre aqueles que discutiam a conduta feminina e, em especial, das moçoilas casadoiras. A leitura dos contos assinados pelo pseudônimo “Lara”, levando-se em consideração o conjunto que compunham com toda a revista e o diálogo criado entre outras colunas e colaboradores, evidencia certa distância em relação não só às propostas de parte daqueles escritores, como também de uma camada relevante

17 Ver o artigo de GUIMARÃES, Maria Regina Cotrim. Chernoviz e os manuais de medicina popular no Império. In: *História, ciência, saúde* – Manguinhos, Rio de Janeiro: v. 12. n. 2, maio-agosto de 2005. pp. 501-514.

18 Segundo Maria Regina C. Guimarães, “o *Formulário ou Guia Médico* vendeu trezentos exemplares no primeiro dia e teve 19 edições, num intervalo de quase oito anos”. O *Dicionário de Medicina Popular*, com publicações entre 1842 e 1890, vendeu três mil exemplares. As obras de Chernoviz, embora tenham alcançado uma circulação considerável, não eram baratas. Por exemplo, a edição do ano de 1851, em três volumes *in quarto*, custava 12 mil réis em brochura e 15 mil réis encadernada. Ver, GUIMARÃES, M. R. C. *Op. cit.*

de médicos higienistas que ganhava espaço naqueles impressos. Os desacordos e limites da adoção de algumas ideias apresentadas ao longo dos números do *Jornal das Famílias* compõem um quadro que ultrapassa os limites do próprio periódico. Afinal de contas, embora a influência de muitos médicos e a divulgação de suas propostas, por meio da imprensa voltada para o público feminino fosse crescente, a legitimidade do trabalho deles parecia, vez ou outra, colocada em suspensão. Em boa medida, Machado de Assis ajudou na manutenção dessa atmosfera de dúvida e questionamento da validade do trabalho de alguns médicos interessados nas famílias e no comportamento de suas “gentis leitoras”.

Dessa forma, conforme viemos acompanhando, a dificuldade no cumprimento do papel materno e a orientação que deveria ser dada às filhas receberam atenção especial nas narrativas machadianas. Provavelmente por causa do público e do perfil da própria revista. Mas, ao invés de encontrarmos jovens prendadas e esperando a escolha do casamento mais apropriado, Machado construiu namoradeiras, que não se cansavam de colocar seus pais em apuros. Do mesmo modo que Luisa, de “Uma loureira”, fugiu com o primo sem que ninguém da sua família percebesse, Esperança, de “O astrólogo”, escapou da vigilância do pai dela. “O astrólogo” foi publicado em três partes, divididas entre os meses de novembro de 1876 e janeiro de 1877, e, ao contrário das outras duas histórias já analisadas neste artigo, levava como assinatura o nome próprio de Machado de Assis. Nesse conto, a responsabilidade da educação da personagem feminina pertencia ao pai e a uma tia, já que a mãe da menina havia falecido. Custódio Marques, pai de Esperança, era um almotacé que, além de fiscalizar os mercadores, tomava conta também da vida de seus vizinhos. Não perdia nenhum detalhe e havia até mesmo ganhado o posto de uma comadre sua, apesar da fama dela construída ao longo de muitos anos de serviço. Entre a confirmação de uma ou outra notícia, Custódio pensava em casar sua Esperança com o sobrinho de um juiz de fora, “homem da nobreza da terra, e noivo muito ambicionado de solteiras e viúvas”. Para a realização desse objetivo, pesquisava todos os passos tanto do pretendente quanto do tio dele. No entanto, havia se esquecido de olhar para dentro de sua própria casa. Por sua vez, Esperança:

(...) fazia cálculos muito diferentes, e tratava igualmente de os pôr em execução. Seu coração, ao passo que se não rendia à nobreza do sobrinho do juiz, sentia notável inclinação para o filho do boticário José Mendes, – o jovem Gervásio Mendes, com quem se carteava e

palestrava à noite, à janela, quando o que andava em suas indagações por fora assim como a tia jogavam a bisca com o sacristão da Sé. Esse namoro de uns quatro meses, não tinha ares de ceder aos planos de Custódio Marques<sup>19</sup>.

Custódio Marques não conseguiu concretizar seus objetivos e foi obrigado a perder sua esperança de ver a filha casada com homem tão cobiçado. A menina acabou fugindo, acompanhada pelo filho do boticário, sem que o pai dela ao menos percebesse o que se passava dentro de sua própria casa. Ao construir personagens femininas jovens e espertas, Machado de Assis abria mão de registrar alguma lição ou punição, por causa de seus comportamentos. Entretanto, essa conclusão dependia inteiramente da leitura empreendida, pois, se pensarmos na situação que essas meninas deixaram seus pais e/ou mães, vemos que a lição estava lá. Os pais de Luisa, de “Uma loureira”, deveriam saber que os casamentos não compunham mais articulações que visassem apenas a interesses financeiros. Além disso, sua mãe fora punida por ter sido tão relapsa, permitindo que sua filha trocasse tantas cartas com um desconhecido seu. A lição de Custódio Marques, de “O astrólogo”, aparece bem clara, no último parágrafo, quando recebeu a notícia da fuga de sua filha e a seguinte repreensão do juiz de fora: “um astrólogo contemplava os astros, com tamanha atenção, que caiu num poço. Uma velha da Trácia vendo-o cair, soltou esta exclamação: ‘Se ele não via o que estava aos pés para que havia de investigar o que lá fica tão em cima!’”<sup>20</sup>. A necessidade de escrever histórias permeadas por ensinamentos e instruções úteis para o dia a dia parecia ser uma das premissas fundamentais daquela folha. Para isso serviam os espaços dedicados tanto à literatura quanto à prática doméstica. Cabia a Machado de Assis medir o tempero de todas as passagens, deixando que seus leitores e leitoras optassem pela melhor interpretação, talvez de acordo com o lugar que ocupavam dentro de suas casas.

Da mesma forma que havia certa relação entre a seção “Contos e novelas” e, em especial, dos contos de Machado de Assis, e as outras colunas daquela revista; o diálogo entre os vários escritos desse literato pode ser percebido. Ao longo de seu período de existência, o periódico tentou incentivar a participação de seus leitores como escritores. Nesse sentido, encorajava:

---

19 *Jornal das Famílias*. Novembro de 1876.

20 *Jornal das Famílias*. Janeiro de 1877.

As pessoas que quiserem honrar este jornal com a sua colaboração terão a bondade de remeter os seus artigos, em carta fechada, à comissão da *Redação do Jornal das Famílias*, **rua do Ouvidor, 69, livraria de B. L. Garnier, Rio de Janeiro, ou em Paris, rua Cujas, 9.** Aceitam-se sobretudo com prazer os artigos instrutivos e que tratem de economia doméstica, higiene e interesses do Brasil; esses artigos, porém, não poderão mais ser reclamados por seus autores, ainda quando por qualquer motivo deixem de ser publicados<sup>21</sup>.

Apesar dessa chamada e dos anúncios comemorativos, na época de seus aniversários, afirmando a entrada de novos colaboradores<sup>22</sup>, quem sustentava aquela publicação parecia ser realmente Machado de Assis. Desse modo, e talvez para não cansar os assinantes, esse colaborador lançava mão de diferentes pseudônimos. Isso permitia a entrada de mais de uma história sua no mesmo número. Além do fato de que aqueles diferentes “autores” tratavam dos mesmos temas e, assim, criavam um espaço interessante de discussão, que permitia a participação das leitoras. A sobrecarga de trabalho certamente deve ter contribuído também para que algumas vezes histórias com enredos parecidos fossem escritas. Mas dependia dos leitores e leitoras a ligação entre um e outro conto. Assim como a percepção de que as histórias que tinham Machado de Assis por detrás polemizavam algumas afirmações e especulações médicas. O *Jornal das Famílias* foi assim um dos primeiros espaços abertos a esse literato. Os temas por aquelas páginas priorizados o ajudaram no desenvolvimento de algumas ideias mais tarde retomadas em suas obras da maturidade.

---

21 *Jornal das Famílias*. Fevereiro de 1870.

22 No número de fevereiro de 1869, apareceu o seguinte: “Vencidas as dificuldades, inseparáveis às primeiras tentativas, podemos com segurança e afoiteza dizer que o *Jornal das Famílias* vai datar do seu sétimo ano um verdadeiro e progressivo melhoramento. Novos e ativos colaboradores assegurarão-nos a publicação de interessantíssimos romances, narrativas de viagens, biografias de senhoras ilustres, episódios de história geral e particular, descrições de cidades, vilas, etc., que tiverem maior importância, artigos sobre a educação de ambos os sexos, etc., etc.”.